

DANÇAR COM BEBÊS: A ARTE DE COMPARTILHAR

DANCING WITH BABIES: THE ART OF SHARING

Elaine Cardinali das Dôres e Rocha¹

60

Resumo

Este artigo é uma revisão bibliográfica que parte da ideia da docência na Educação Infantil, em creches e pré-escolas, e a interação como ponte para a pedagogia da dança com os bebês. Destacamos o compromisso e a responsabilidade docente no cuidar e educar com vistas à formação integral da criança, potencializando as interações, a criação e compartilhamento de movimentos dançantes.

Palavras-chaves: Dança, Educação Infantil, bebês

Abstract

This article is a bibliographical review that starts from the idea of teaching in Early Childhood Education, in daycare centers and preschools, and interaction as a bridge to the pedagogy of dance with babies. We highlight the commitment and responsibility of teachers in caring for and educating with a view to the integral formation of the child, enhancing interactions, the creation and sharing of dance movements.

Keywords: Dance, Early Childhood Education, babies

¹ Professora na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Formação em Pedagogia e Mestranda em Educação e Docência no Programa Mestrado Profissional- UFMG Artista da Dança.

Introdução

“A arte humaniza em sentido profundo porque faz viver”

Antônio Cândido

Voltar o olhar para as infâncias e a docência na Educação Infantil, é trilhar um percurso reflexivo sobre a prática e questões que perpassam o como “aprender e ensinar” na atualidade. Desafio para professoras e professores da Educação Infantil, que desejam abandonar um modelo pautado no depósito de informações, na tendência preparatória para o ensino fundamental e no desconsiderar a imaginação como chave essencial para o desenvolvimento e para a formação humana das crianças.

Neste sentido, é que propomos ponderar sobre a docência em diálogo com a Dança no contexto infantil, especificamente, com os bebês (0 a 2 meses e 9 meses).

Nesta direção, alguns autores são referência para embasar e dar sustentação ao que defendemos: a interação como ponte para o encontro entre criança e professoras, entre ensinar e aprender arte-dança. Para essa imersão, solicitamos a contribuição de Sandra Richter (2005) à cerca da “dimensão ficcional da Arte nas Infâncias”²; Guimarães, D., & Cony, C. (2018); Paulo Fochi (2015) e Lenira Regel (2017)

Vale destacar que o ato de educar perpassa pelo compromisso e pela responsabilidade dos adultos que convivem com os bebês. Garantir ações que envolvam o cuidar, o incentivar e o amparar com o intuito de possibilitar situações para que a criança conquiste o desenvolvimento da autonomia, de sobrevivência, da convivência, da comunicação e expressão nas diferentes linguagens. Estas atitudes, devem ser iniciadas no agrupamento familiar e, compartilhadas com a comunidade escolar, portanto, com a docência. Assim, educar não é passar conhecimentos e experiências para o outro, mas é compartilhamento, e se faz na troca, onde há a disponibilidade de acolher e realizar desdobramentos

2 Expressão utilizada por Sandra Richter em sua tese de doutorado, intitulada: a dimensão ficcional da arte na educação da infância.

entre o tempo contemporâneo e o passado, entre pais/responsáveis e crianças, professoras e crianças. Uma pedagogia que se constitui no encontro entre a diferença temporal e cultural que há entre adultos e crianças. Provavelmente, este seja um ponto de tensão para alguns. Entretanto, não se trata de saudosismo, mas de compreendermos que existe um período que está no “entre”, que nos constitui quem somos e que interfere em nossas práticas pedagógicas.

Como sujeitos sociais, vivenciamos experiências que deixaram marcas, algumas boas e outras nem tanto assim. Estas, fazem parte da nossa história, presentes no modo de pensar, agir, valores, conceitos, pré-conceitos e, portanto, da nossa atuação docente. As crianças, chegam à escola e também trazem experiências vivenciadas no seu agrupamento social, de uma época em que os valores são diferentes dos nossos, as expectativas e modos de ser e agir também se modificaram, e continuam transformando, pois somos seres em constante transformação. Esta percepção, indica considerarmos um dos argumentos de Richter (2016), educar

[...] não é transmitir às novas gerações apenas as experiências culturais constituídas ao longo de um percurso histórico, mas também as chaves que permitam promover sua renovação pela transformação do já conhecido. É impossível “passar” a experiência cultural, pois diz respeito à vida, e, assim, sua transmissão só pode se dar na vida (RICHTER, 2016, p. 22).

Seguindo esta linha de raciocínio, concebemos que na docência e na prática artística em creches e pré-escolas, os adultos devem estar comprometidos em realizar ações intencionais e de mediações, para que os bebês possam ter acesso a experimentações artísticas, que ampliem as possibilidades de trocas de experiências estéticas e lúdicas.

Assim, sugerimos uma pausa para que você, cara professora, reflita como foi a sua inserção no mundo, ou seja, o que você recorda da sua infância, ou como seu (sua) filho(a) vivenciaram este período? Quais as experiências artísticas em dança você tem ofertado para os bebês com quais lida no espaço educacional?

De acordo com Richter (2005), temos que considerar dois aspectos importantes: as infâncias como lugar de “deslumbramentos” e o modo como se aprende, pela própria experiência, ou seja, no fazer fazendo. Este apontamento, requer uma pedagogia da dança que, assim como nas outras linguagens, seja pautada no encantamento, nas sensações, na percepção e passe pela experiência.

Aqui, retomamos a distância entre o tempo da criança e do adulto educador. Precisamos encontrar um caminho que está entre o espaço-tempo em que nos constituímos professoras (es) de crianças pequenas e todo o arcabouço cultural que compartilhamos enquanto sujeitos sociais, e que nos compõem como pessoa e como profissional. E o espaço/tempo dos bebês que chegam às escolas infantis, encontra-se diante de pessoas desconhecidas, deixando para traz a segurança, o alimento, o colo que acolhe, durante o período de adaptação neste novo grupo social. E, depara-se com um espaço diferente, com outra dimensão espacial, cheiros, sons, outros objetos, outro calor e volume dos braços envolvem.

Neste sentido, as escolhas na docência, estão relacionadas com o modo como concebemos os bebês e diante do que ofertamos a eles.

De acordo com Guimarães (2018), as Diretrizes Nacionais da Educação Infantil/2009 (DCNEIs/2009), estabelecem no art. 9º que os eixos do trabalho pedagógico na Educação Infantil são as interações e as brincadeiras. Esta orientação dada no artigo 9º, corrobora com a ideia central desse artigo: a Dança como interação. E propõe um caminho brincante para as propostas pedagógicas na Educação Infantil. No referido artigo, as práticas pedagógicas devem “favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens, com progressivo domínio de variadas formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2009 s/p. *apud* GUIMARÃES, e CONY, 2018, p.510). A dança, como uma das artes da cena, se encaixa nesse contexto.

O olhar sensível para ver a potência dos bebês

A linha de pensamento que traçamos aqui, visa apresentar contextos das infâncias como um lugar de experiências que são vividas, sentidas e percebidas.

Os bebês, desde o ventre materno, experimentam situações de proteção e cuidado, potencializadas pelo vínculo entre a mãe e seu filho, estabelecido no diálogo que é criado por meio das palavras e dos gestos, quando a criança se movimenta dentro do útero materno. Assim, é que se inicia uma travessia entre a segurança uterina e o mundo externo. A partir do nascimento, o bebê desempenha um esforço para chegar a este novo espaço. Um lugar no qual ele necessita empreender uma força extrema para sobreviver. A busca pelo ar que preenche seu pulmão, o choro como um grito de libertação ou de receio pelo inesperado, desconhecido mundo novo. É neste momento que o colo

da mãe, o calor e o som conhecido ao longo dos meses da gestação, dos batimentos cardíacos maternos, o envolvem e dão sensação de segurança. Entretanto, é também neste novo ambiente que a criança inicia novos modos de perceber suas necessidades fisiológicas: fome, frio, dores. Então, “a criança começa a “ler”: ler vozes, sons, gestos, espaços, lê o tom corporal de quem o carrega[...]” (RICHTER. 2016, p.17-18). Esta leitura do outro e do mundo, inicia-se na relação entre o adulto cuidador e o bebê, nas interações e na cultura.

Paulo Fochi (2015), nos alerta sobre a potência e a força que o bebê empreende para sobreviver e aprender o mundo. Uma gama de “informações e transformações” acontecem em um pequeno espaço-tempo se comparamos as demais fases do desenvolvimento humano. E todas chegam até o bebê ao mesmo tempo. “Todas essas atividades, inerentes ao ser humano que nasce, não só correspondem a uma tipologia de experiência concreta da vida motivada por aquilo que poderíamos chamar de *ímpeto por apreender*” (FOCHI. 2015, p.49).

Podemos considerar este tempo-espaço um lugar propício para que adultos possam enxergar o quanto os meninos e meninas são ávidos por desvendar o seu entorno. Contudo, Fochi (2015) destaca que as atividades para os bebês são corpóreas, iniciam pelo conhecimento do próprio corpo, do que está a seu alcance, que eles desejam experimentar. Este também é um tempo que exige a vigilância, no sentido de assegurar o cuidado, de estar perto sem necessariamente intervir, ou antecipar as ações dos bebês, mas próximo o suficiente para acolher, mediar para que eles possam ampliar as possibilidades de experimentação compartilhando com seus pares e/ ou com os adultos.

A dança no contexto: espaço e tempo

Olhar sensível é aquele que acostumado com o cotidiano da creche não perde a poesias que existe na simplicidade das coisas. Na Educação Infantil, os pequenos gestos, sons, ou silêncio podem dizer e significar muito. Nesse sentido, Fochi (2015, p.51) nos convida a refletir e olhar o trabalho com as práticas artísticas e demais linguagens, na perspectiva que a docência passa a ser a busca pela compreensão de “como” os bebês agem, a fim de construírem saberes, e não “o que” os bebês sabem, pois há

[...] potência das linguagens artísticas na relação com os bebês, exatamente porque colocam em jogo possibilidades de comunicação e construção de sentido com o corpo, o que é muito presente nos contatos com os bebês, para além da fala e da oralidade. (BARBOSA e FOCHI (2011) *apud* GUIMARÃES, 2015, p.514).

Nessa trilha, podemos pensar em situações que emergem no cotidiano dos bebês, em que o adulto responsável, observador que é, percebe o momento em que a criança necessita da sua mediação, quando a (o) docente visualiza a possibilidade de dar sustentação e desdobramento ao que acontece no berçário. Segundo Guimarães (2015, p.516), uma das alternativas está “no gesto-dança do adulto, o bebê parece convocado também ao movimento, focaliza o olhar, busca o contato.” Estes dizeres fazem eco ao que propomos com a dança para bebês: evidenciar o foco na criança, sendo o adulto o articulador e mediador. Aquele que prepara o espaço para que os bebês possam explorar, manusear, tocar e (re) conhecer a si e ao outro, crianças e espaços, objetos, cheiros: partir do corpo da própria criança. Que a professora possa envolvê-los em sons, acalantos, ou apenas no silêncio, compartilhado. Onde ela cria movimentos dançantes, e a criança experimenta sensações ao acompanhá-la com o seu olhar, depois com a cabeça, mais tarde com o tronco, depois seguindo-a engatinhando, e finalmente andando. Ou quando um tecido leve toca os pés do bebê, que agitado, começa a perceber algo roçar-lhe. Ele grita, esboça um sorriso e aguarda a repetição.

Nos movimentos de deslocamentos em que a professora cria situações brincantes, ela oferece a mão caso seja necessário, convida a uma dança colaborativa, própria, construída no encontro entre o adulto e o bebê.

A professora cria uma organização no espaço com bolas, rolos, caixas, tecidos que intencionalmente são posicionados, no espaço para que os bebês demonstrem o “ímpeto de aprender”, deslocar-se, se relacionar com os objetos, tendo a supervisão e a interação de um adulto que se conecta com a ação corporal da criança e estabelece um diálogo oral, corporal e relacional, pois

O diálogo entre os corpos necessita de que estes atentem para as minúcias, detalhe, qualidades que se processam, por exemplo, nas relações de peso, fluência, ritmo e espaço. Esse entendimento de diálogo, que coopera para que o movimento aconteça, quebra a questão paradigmática do conduzir e do se deixar levar. À intenção mútua e à troca relacional de informações atuando nos corpos, corresponde uma ação de cocondução. Essa compreensão é uma possibilidade para redefinir corpo nesta prática a dois, e dizer que nessa ação o homem, por si só, não conduz, pois, quando se produzem os gestos e/ou

passos nesta dança, isso acontece por toda relação feita a partir das condições propostas, através de processos corporais, os quais ocasionaram uma instância compartilhada. Não existe relação corporal nessa prática a dois que não seja formada pela troca de informações (FEITOZA, 2011, p. 34 *apud* RENGEL. [et al] 2017, p. 60).

Essa interação, requer disponibilidade, abertura, observação, vínculo entre os bebês e os docentes. A Arte como um movimento duplo, de partilha, que envolve o ensinar e aprender, troca de sensações, percepções e conhecimento.

A “cocondução”: como uma experiência poética

Que a iniciativa venha da criança, que a execução do acto é autónoma e eficaz, são os elementos mais importantes de um desenvolvimento em direção à criatividade e autonomia

Emmi Pikler

Pensar os movimentos, na dança com bebês, em creches e pré-escolas é falar sobre a poesia, sensibilidade e criatividade. É colocar a criança no centro da sua ação e positivar suas tentativas e descobertas, dar visibilidade ao percurso de meninos e meninas em busca da autonomia, de mover-se, engatinhar, andar, pular, correr e se empoderar. Desvendar o mundo, esse enorme laboratório de investigações para nossos pequenos/grandes cientistas.

Condução, de acordo com a definição de Oxford Languages (online), tem seu sentido figurado a ideia de “ato ou efeito de guiar”. Assim, cocondução, refere-se a companhia, *estar com*. E, na docência um dos papéis da professora é *estar com* as crianças, no sentido de dar suporte, de atuar junto a ela no processo de desenvolvimento e formação integral, e na dança ao interagir com a criança, com o espaço, com os corpos.

Compartir com os bebês, requer uma pedagogia que esteja aberta às novidades, ao inesperado, a imprevisibilidade do acontecimento. Neste sentido, a docente precisa fazer escolhas, requer envolver-se com a criança, experienciar junto. Uma colaboração entre adulto docente e criança

ou criança com criança, que se faz no encontro, *no entre*, nos olhares que se cruzam, nos vínculos que se criam. Ainda, em diálogo com as ideias acima sobre a cocondução, Rengel (2017), esclarece que

A cocondução é um modo de agir, portanto de fazer Dança, na qual os corpos envolvidos cooperam entre si em assimetria, independentemente do nível de participação e proposição durante o processo artístico-educativo ou cênico. Na cocondução, não importa qual lugar cada um está ocupando, importa é que eles estão sempre cooperando para que a dança aconteça (RENGEL. 2017, p. 59).

Vale pontuar que, pensando nas especificidades dos bebês, esta assimetria, não se refere ao lugar de poder ou autoridade, mas de alteridade. Ao conhecer a criança, as teorias do desenvolvimento, da aprendizagem e da dança, a professora se predispõe a criar jogos corporais, gestos, brincadeiras que convoquem a participação e interação dos meninos e meninas com as quais lida. A cooperação surge da relação entre os atores no contexto da sala de aula, em que o bebê, aceita o convite da professora e movido pelo desejo de apreender se deixa ligar a este universo de movimentos, brincadeiras e, portanto, de dança.

Considerações Finais

Inicialmente procuramos entender o papel do adulto que cuida e educa a criança, o compromisso em garantir um ambiente seguro, afetivo e educador. A responsabilidade de se relacionar respeitando as especificidades e ao mesmo tempo agir de modo a criar espaço para que os bebês se tornem mais autônomos e criativos. Para tanto, a participação do adulto, a mediação é essencial, assim como o distanciamento, daquele que observa e se apresenta disponível.

Desta forma, é que precisamos ter plena consciência que estamos longe de conhecer a “complexidade” que envolve a pedagogia com bebês. No entanto, Paulo Fochi, nos esclarecer que devemos

Assumir que ainda sabemos muito pouco a respeito das crianças, em especial das crianças bem pequenas, e, talvez, jamais será possível chegarmos a um nível de conhecimento que atenda a essa complexidade humana. Aqui reside a beleza e o mistério de estar com os bebês. Uma pista que me parece clara é o desejo de olhar, escutar e estar próximo destes meninos e dessas meninas que estão chegando às instituições infantis (FOCHI. 2015, p. 53).

Considerando este entendimento, podemos compreender a epígrafe inicial que trouxemos: “A arte humaniza em sentido profundo porque faz viver” e, se torna fundamental desde a Educação Infantil. A arte nos atravessa de várias formas e por meio da nossa experiência que é individual e não pode ser transmitida, ela pode nos orientar, modificar e ampliar nosso modo de enxergar o mundo sob uma lente mais colorida e sutil. Sutilezas que são necessárias para o trabalho pedagógico e práticas artísticas respeitadas e comprometidas com o direito a sonhar e imaginar das crianças pequenas

REFERÊNCIAS

FOCHI, Paulo. *A complexa sutileza da ação pedagógica com bebês* - Ana Cristina Carvalho Pereira *Atravessamentos: ensino-aprendizagem de arte, formação do professor e educação infantil* / Ana Cristina Carvalho Pereira (org.). – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2015. *E-book* Disponível > https://www.academia.edu/41101105/LIVRO_Educ_Infantil_2015_para_site acesso em: 23 de abril 2024

GUIMARÃES, D., & CONY, C. (2018). **OS BEBÊS E A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: entre convites sensíveis e contágios corporais-afetivos**. BABIES AND DANCE IN CHILDREN EDUCATION: between sensitive invitations and bodily-affective. contagion. *RevistAleph*,(31). <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i31.39283> Acesso em 23 de abril de 2024

RENGEL, Lenira Peral ... [et all]. *Elementos do Movimento na Dança*. enira Peral Rengel, Eduardo Oliveira, Camila Correia Santos Gonçalves, Aline Lucena e Jadiel Ferreira dos Santos. Salvador: UFBA, *E-book*. 2017. 102 p.: il. Dispon[ível] > <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26148> Acesso em 23 de abril 2024

RICHTER. Sandra Regina Simonis. RSRS (2005) *A dimensão ficcional da arte na educação da infância*/Sandra Regina Simonis Richter. – Porto Alegre. UFRGS 289p. Tese (dourado) Universidade Federal do Rio Grande do Su.l Programa de Pós-Graduação em Educação. BR-RS. 2005. Pillar, Analice Dutra, orient. Disponível > <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10289/000521542.pdf> Acesso em 23 de abril

